

Saussure e Foucault, língua e discurso

Saussure and Foucault; language and discourse

Cleudemar Alves Fernandes
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Vanice Sargentini
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

Resumo: O artigo problematiza a noção de língua que perpassa os estudos de Foucault, mais especialmente nos textos publicados no final dos anos 1960, com ênfase para *A Arqueologia do Saber*. Objetiva explicitar e/ou discutir as implicações do conceito de língua para a edificação de aparatos teóricos e metodológicos que dão sustentação às suas proposições sobre o discurso. Tem-se como hipótese que o diálogo com o estruturalismo, que lhe apresenta a língua como sistema, atua como fundamento para os conceitos de discurso e práticas discursivas, que lhe serão caros ao longo de vários anos de pesquisa. No desenvolvimento do artigo, inicialmente apresenta-se a noção de língua em Ferdinand de Saussure, especificamente no *Curso de Linguística Geral*, e posteriormente, faz-se o cotejamento da noção de língua em Foucault e em Saussure, considerando o desencadeamento dos conceitos de enunciado e de discurso. Os resultados indicam as aproximações e distanciamentos entre os dois autores, considerando-se a noção de língua.

Palavras-chave: Saussure; Foucault; Língua; Discurso; Enunciado

Abstract: The article problematizes the notion of language that permeates Foucault's studies, especially in texts published in the late 1960s, with emphasis on *The Archeology of Knowledge*. It aims at explaining and/or discussing the implications of the concept of language for the construction of theoretical and methodological apparatuses that support its propositions about discourse. The hypothesis is that the dialogue with structuralism, which presents language as a system, acts as a foundation for the concepts of discourse and discursive practices, which will be important to him over several years of research. In the development of this article, initially the notion of language in Ferdinand de Saussure is presented, specifically in the *Course in General Linguistics*, and later, the notion of language in Foucault and in Saussure is compared, considering the development of the statement and discourse concepts. The results indicate the similarities and differences between the two authors, considering the notion of language.

Keywords: Saussure; Foucault; Language; Discourse; Statements



1 Introdução

Há, no Brasil, junto à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), um Grupo de Estudos (GT) denominado Estudos discursivos foucaultianos, que reúne pesquisadores de Letras e Linguística em torno do pensamento do filósofo francês Michel Foucault, atentando para questões concernentes à linguagem e sua relação com aspectos sociais, históricos, políticos e culturais, o que culmina na apreensão do discurso como objeto para análise. Grande parte dos membros desse GT tem em sua vida acadêmica a origem em cursos de letras e de linguística, nos quais a atenção aos termos língua e linguagem é frequente e central. Considerando que, em seus escritos, Michel Foucault não atribui centralidade ao conceito de língua, ainda que essa noção seja produtiva para que ele venha a definir enunciado, o objetivo deste artigo é problematizar a concepção de língua que perpassa os estudos de Foucault, mais especialmente nos textos publicados no final dos anos 1960, com ênfase para *A Arqueologia do Saber*, com vistas a explicitar e/ou discutir as implicações desse conceito para a edificação de aparatos teóricos e metodológicos que dão sustentação às suas proposições sobre o discurso. Temos como hipótese que o diálogo com o estruturalismo, que lhe apresenta a língua como sistema, atua como fundamento para os conceitos de discurso e práticas discursivas, que lhe serão caros ao longo de vários anos de pesquisa.

Para o cumprimento de nossa proposta, inicialmente retomaremos a noção de língua em Ferdinand de Saussure, especificamente no *Curso de Linguística Geral*, por ser esta a obra que constituiu referência central para as reflexões alcunhadas de estruturalismo em vários campos disciplinares. Posteriormente, cotejaremos a noção de língua em Foucault e em Saussure, considerando o desencadeamento dos conceitos de enunciado e de discurso. Interessa-nos especialmente o contexto francês dos anos de 1960, momento de uma efervescência intelectual caracterizada por embates epistemológicos e edificações de campos disciplinares; contexto inclusive de início dos estudos sobre o discurso, que culminaram na proposição da disciplina acadêmica Análise do Discurso. Nessa década, há também a emergência do pensamento de Michel Foucault e sua incidência nos estudos do discurso, em germinação.

2 Da língua em Saussure ao discurso em Foucault

O *Curso de Linguística Geral* (CLG), de Ferdinand de Saussure, é considerado como obra central para a edificação da Linguística como uma ciência, ao que se confere a fundação da Linguística Moderna. Para tal empreendimento, Saussure¹ defende a suficiência da língua para constituir objeto de uma ciência e propõe a exposição de conceitos e métodos que dão sustentação para o estudo científico desse objeto específico. De suas considerações para a definição desse objeto, Saussure (1974, p. 17) indaga: “Mas o que é a língua?”. Em seguida, responde: “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita” (SAUSSURE, 1974, p. 17)

Nessa proposição inicial, a concepção de língua – apresentada como ‘produto social’, ‘conjunto de convenções necessárias’ –, implica a linguagem, compreendida como uma faculdade humana, exercitada pelos sujeitos (indivíduos) da língua. Ao atribuir à linguagem o caráter multiforme e heteróclito, pressupõe-se que o corpo social que adota o mesmo conjunto de convenções – a língua – é heteróclito, podendo apresentar estilos e/ou usos da língua de formas diferentes.

Se por um lado, Saussure (1974) considera a “língua [como] um todo por si e um princípio de classificação” (p. 17); por outro, a linguagem “tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro [...] a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução” (Ibidem, p. 16). Sendo a língua o produto social, um ‘sistema estabelecido’, tem-se nesses apontamentos um sistema binário; ou seja, a presença de dois elementos indissociáveis, que se inter-relacionam. A presença de pares binários na definição e mesmo estruturação de um objeto, sempre dependentes entre si, é notada em todo o *Curso de Linguística Geral*, e caracteriza o método operacional de Saussure. Esse método será denominado por seus leitores de estruturalismo, e será tomado como parâmetro para estudiosos na edificação de vários outros campos disciplinares.

¹ Não nos ocuparemos neste artigo da querela em torno da autoria do *Curso de Linguística Geral*, questão discutida em Silveira, Sá & Fernandes (2019). Tomaremos o CLG como uma obra que porta um nome de autor, ao qual faremos as devidas referências.

Na assunção de que a língua é o objeto de uma ciência, da Linguística, Saussure faz as seguintes reiteraões dos caracteres desse objeto científico:

“Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem [...] Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (p. 22).

“A língua constitui uma instituição social [...] A língua é um sistema de signos [...] Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (p. 24).

“O signo deve ser estudado socialmente” (p. 25).

Nessas afirmações, a presença do social é reiterada como condição para a existência da língua, e configura-se, a nosso ver, como uma das aberturas de Saussure; ou melhor, do CLG, para estudos outros. Tanto é que Saussure é referência constante entre pesquisadores e intelectuais na França, nos anos 1960. A propósito, consideramos que nessa década, no contexto francês, ainda vigorava a afirmação de Saussure de que “a Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados” (SAUSSURE, 1974, p. 13).

Feitas essas considerações, veremos, a seguir, como se dá (se isto ocorre) o diálogo de Foucault com a concepção de língua elaborada por Saussure, para a fundamentação dos conceitos de discurso, enunciado e práticas discursivas, conforme anunciamos em nossa hipótese.

Para o desenvolvimento dessa questão, investigaremos como se dá o olhar de Michel Foucault para a língua, e, sabendo que a língua em si não constitui objeto de suas investigações, verificaremos em que medida, ou de que maneira, ela se faz presente na proposição teórica e metodológica para as análises do discurso e das práticas discursivas em Foucault, quando da elaboração do método arqueológico, conforme desenhado especialmente em suas reflexões apresentadas n’*A Arqueologia do saber*.

Para tal elaboração, Michel Foucault aproxima-se dos estudos linguísticos, sobretudo, na segunda metade dos anos 1960, ao discutir a noção de episteme em *As*

Palavras e as Coisas e dar atenção à linguagem. Na avaliação dessa obra, a crítica lhe atribuiu o rótulo, visto como desqualificador, de estruturalista, que custou ao filósofo vários textos de esclarecimentos, como em *Estruturalismo e Pós-estruturalismo*, entrevista concedida em 1983.

Enfatizarei inicialmente que, no fundo, no que se refere ao que foi o estruturalismo, não somente – o que é normal – nenhum dos atores desse movimento, mas também nenhum daqueles que, por vontade ou à força, receberam a etiqueta de estruturalista sabiam exatamente do que se tratava. Certamente, aqueles que aplicavam o método estrutural em domínios muito precisos, como a linguística, a mitologia comparada, sabiam o que era o estruturalismo, mas desde que se ultrapassava esses domínios muito precisos, ninguém sabia ao certo o que isso era. (FOUCAULT, 2000a, DE II, p. 307)... Nunca fui freudiano, nunca fui marxista e jamais fui estruturalista (Ibidem, p. 312).

Entretanto, se em uma revisão reflexiva sobre seus estudos, M. Foucault recusa o estruturalismo, não se pode negar que vivera neste ambiente de recepção de Saussure na França, despertado tardiamente após Segunda Guerra Mundial, e somado a mal-entendidos cristalizados na ‘(re)descoberta’ do *Curso de Linguística Geral* (PUECH, 2014). A presença dessa obra de Saussure se faz evidente quando, após a publicação de *As palavras e as coisas*, em 1966, Foucault propõe-se a uma produção acadêmica destinada à explicação da natureza e à definição de seu próprio trabalho. Inicialmente, no texto intitulado “Resposta a uma questão”, escrito em 1968, expõe o discurso como objeto de (ou objeto para) suas reflexões: “Estudei alternadamente conjunto de discursos; caracterizei-os; defini os jogos de regras, de transformações, de limiares, de remanências; eu os compus entre eles, descrevi os feixes de relações” (FOUCAULT, 2010, p. 5). Essa explicação ganha mais consistência e maior explanação na obra publicada no ano seguinte – *A Arqueologia do Saber* – na qual a língua é referida como um objeto tomado como condição para o estudo de outro objeto, não linguístico propriamente, o discurso, cuja existência necessita da língua. Eis então a instauração de um diálogo com conceitos encontrados no CLG.

Nessa empreitada, Foucault distingue o discurso da língua:

o material que temos a tratar [...] é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral. Aparece, assim, o projeto de uma *descrição dos acontecimentos discursivos* como horizonte para a busca das unidades que aí se formam. Essa descrição se distingue facilmente da análise da língua. Certamente só podemos estabelecer um sistema linguístico (se não o

construímos artificialmente) utilizando um corpo de enunciados ou uma coleção de fatos de discurso [...] uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis - um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos (FOUCAULT, 2008, p. 30).

Nesta distinção inicial, a proposta centra-se no projeto de uma descrição e análise dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que se formam, os enunciados, conforme Foucault explica em páginas posteriores. Essa análise coloca a língua em oposição a acontecimentos discursivos e distinta do enunciado, conceito a que serão dedicadas várias páginas d'*A Arqueologia do saber*. A língua, tal como postulado por Saussure, é um sistema linguístico; e, na visada foucaultiana, a descrição desse sistema explicita a utilização de um corpo de enunciados, um sistema de enunciados possíveis. O desenvolvimento desse projeto voltado para uma analítica dos discursos, em termos teóricos e metodológicos, se dará em batimento com problemáticas de ordem da língua, tal como concebida por Saussure. Continuemos com as palavras de Foucault.

Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? [...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro (Ibidem, p. 30-31).

A proposição foucaultiana toma a concepção de língua designada por Saussure como sistema de signos; um sistema socialmente elaborado. A língua requer regras combinatórias para que a produção de enunciados seja possível. Entretanto na análise discursiva arqueológica, o enunciado, ainda que seja dependente da língua para ter existência, obedece a regras não linguísticas; ou seja, não se define pelo sistema linguístico em si, sofre determinação de elementos de outra ordem, exteriores à língua. A análise de acontecimentos discursivos implica descrever a determinação dos enunciados, explicitar o que provocou sua emergência para, então, como propõe Foucault, “podemos apreender outras formas de regularidade, outros tipos de relações” (Ibidem, p. 32). Se as relações discursivas não são internas à língua, o olhar para a materialidade linguística visa

à observação de outro objeto, que não a língua propriamente. “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (Ibidem, p. 55).

A análise proposta por M. Foucault, ao considerar que as relações discursivas não são internas à língua, ao sistema de signos, requer focalizar o próprio discurso enquanto prática. Em suas palavras, “gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (Ibidem, p. 54-55). Os apontamentos sobre língua, observados em termos conceituais, conformam com o que lemos no *Curso de Linguística Geral*. A propósito da força desta obra no contexto acadêmico francês, nos anos 1960, podemos reiterar que “Saussure [...] é onipresente em todos os setores das ciências humanas e sociais e na filosofia”, conforme assevera Puech (2014, p. 23). Reiteramos também que a língua em si não é objeto de discussão foucaultiana, mas é tomada como condição para a produção do discurso, considerado um objeto não linguístico propriamente. Nessa expedição, Foucault apresenta o enunciado como unidade de análise, e ao conceituá-lo faz um batimento com caracteres conceituais da língua, dos quais o enunciado se distingue.

Para Foucault, os “enunciados [...], se possuem uma gramaticalidade muito rigorosa [...], não se trata dos mesmos critérios que permitem, em uma língua natural, definir uma frase aceitável ou interpretável.” (Ibidem p. 93). Para ele,

É evidente que os enunciados não existem no sentido em que uma língua existe e, com ela, um conjunto de signos definidos por seus traços oposicionais e suas regras de utilização; a língua, na verdade, jamais se apresenta em si mesma e em sua totalidade; só poderia sê-lo de uma forma secundária e pelo expediente de uma descrição que a tomaria por objeto; os signos que constituem seus elementos são formas que se impõem aos enunciados e que os regem do interior. Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua (e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua). A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição (mais ou menos exaustiva) obtida a partir de um conjunto de enunciados reais. Língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência; e não podemos dizer que há enunciados como dizemos que há línguas. Mas basta, então, que os signos de uma língua constituam um enunciado, uma vez que foram produzidos (articulados, delineados, fabricados, traçados) de um modo ou de outro, uma vez que apareceram em um momento do tempo e em um ponto do espaço, uma vez que a voz que os pronunciou ou o gesto que os moldou lhes

deram as dimensões de uma existência material? Será que as letras do alfabeto por mim escritas ao acaso, em uma folha de papel, como exemplo do que não é um enunciado, será que os caracteres de chumbo utilizados para imprimir os livros - e não se pode negar sua materialidade que tem espaço e volume -, será que esses signos, expostos, visíveis, manipuláveis, podem ser razoavelmente considerados como enunciados? (Ibidem, p. 95-96)

A língua é condição de possibilidade material para os enunciados, sem, contudo, estarem no mesmo plano de existência. Se os enunciados, como considera Foucault, aparecem em um momento do tempo, eles têm uma historicidade própria/peculiar; se aparecem em um ponto do espaço, eles têm um lugar social específico; se são pronunciados por uma voz, ou moldados por um gesto, há um sujeito do enunciado, conforme podemos depreender das indagações na citação anterior. Essas especificidades que destacamos são seguidas de afirmações de que o enunciado não requer uma construção linguística regular, pois seu modo de existência não é o mesmo que o da língua; esta lhe fornece a base material, ou seja, uma materialidade inscrita no espaço e no tempo.

Ainda que essas considerações de Foucault pareçam coadunar com a afirmação saussuriana de que o signo deve ser estudado socialmente, o objeto em foco não é o signo, é o enunciado, que tem forma peculiar de existência. Se a língua, conforme assinala Foucault, “só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis”, é porque ela é um sistema de signos socialmente elaborado, como concebe Saussure. Entretanto, Foucault assevera que o enunciado “não é nem sintagma, nem regra de construção, nem forma canônica de sucessão e de permutação, mas sim o que faz com que existam tais conjuntos de signos e permite que essas regras e essas formas se atualizem” (Ibidem, p. 99). O modo que faz com que os signos existam e se atualizem não é o mesmo que sua existência em si. Esse modo de fazer existir sofre determinação histórica e social e correlaciona-se com uma posição sujeito do enunciado, aspectos que configuram uma função enunciativa e caracterizam o enunciado. A definição de enunciado, por sua vez, se dá pela função enunciativa, pelo exercício dessa função.

Trazemos novamente as palavras de Michel Foucault para reiterar a caracterização do enunciado como um objeto distinto do signo e/ou da língua.

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se podem decidir [...] se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação [...] É essa função que é preciso descrever agora como tal, ou seja,

em seu exercício, em suas condições, nas regras que a controlam e no campo em que se realiza (Ibidem, p. 98).

Considerado como função enunciativa, a análise do enunciado visa a descrever o exercício dessa função, demonstrar suas condições de produção, suas regras de encadeamento, bem como explicitar o campo em que se realiza. Diferentemente das regras gramaticais e/ou linguísticas para a produção de frases completas, inclusive inúmeras frases com as mesmas regras, sendo que os signos e as regras combinatórias são suficientes para tais construções, o enunciado obedece a um princípio de regularidade sob determinações históricas. Ademais, “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (Ibidem, p. 112). Acrescentamos ainda que o enunciado não obedece a um jogo de significações prévias, é uma prática cujos acontecimentos se dão sob determinações históricas.

A despeito de todas as diferenciações entre enunciado e signo, discurso e língua, conforme já assinalamos, a existência do enunciado é completamente dependente da língua, que lhe fornece a materialidade: “Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade.” (Ibidem, p.114). Quanto à existência material do enunciado, M. Foucault ainda expõe que em uma situação de uma produção discursiva com tradução simultânea, ou uma informação em três ou mais línguas diferentes, mudam-se as línguas, mas o enunciado permanece o mesmo; ou seja, “texto e tradução constituem o mesmo conjunto enunciativo” (Ibidem, p. 117).

A análise do enunciado, tomado como um objeto distinto do signo e/ou da língua, implica a descrição do nível enunciativo, o que requer “interrogar a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz” (Ibidem p. 126). Nas palavras de Foucault,

o fato de que se pode descrever essa superfície enunciativa prova que o dado da linguagem não é a simples laceração de um mutismo fundamental; que as palavras, as frases, as significações, as afirmações, os encadeamentos de proposições não se apoiam diretamente na noite primeira de um silêncio; mas que o súbito aparecimento de uma frase, o lampejo do sentido, o brusco índice da designação surgem sempre no domínio de exercício de uma função enunciativa [...] Nada há a objetar contra os métodos linguísticos ou as análises lógicas [...] A análise enunciativa não prescreve para as análises linguísticas ou lógicas o limite a partir do qual elas deveriam renunciar e reconhecer sua

impotência; ela não marca a linha que fecha seu domínio; mas se desenrola em outra direção que as cruza (Ibidem, p. 127-129).

Feitas as ressalvas e distinções entre a análise arqueológica dos discursos e a análise linguística propriamente, Foucault ainda expõe uma diferenciação entre enunciado e frase com vistas a apontar objetos mais amplos que ambos compõem: “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto [...]. Mas enquanto a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua [...] a dos enunciados é definida pela própria formação discursiva” (Ibidem, p. 132). E a análise de uma formação discursiva exige a descrição de certo número de enunciados que apresentem o mesmo princípio de regularidade. Nas palavras de Foucault,

o que se descreveu sob o nome formação discursiva constitui, em sentido estrito, grupos de enunciados, isto é, conjuntos de *performances* verbais que não estão ligadas entre si, no nível das *frases*, por laços gramaticais (sintáticos ou semânticos); que não estão ligados entre si, no nível das *proposições*, por laços lógicos (de coerência formal ou encadeamentos conceituais); que tampouco estão ligados, no nível das *formulações*, por laços psicológicos (seja a identidade das formas de consciência, a constância das mentalidades, ou a repetição de um projeto); mas que estão ligados no nível dos *enunciados*” (Ibidem, p. 130-131).

O enunciado, na acepção foucaultiana, se diferencia de frase, proposição e ato de fala, caracterizando-se por ligar-se a outros enunciados e por ocorrer no exercício de uma função enunciativa. Assim é que os enunciados que compõem uma formação discursiva obedecem ao mesmo princípio de regularidade: determinação histórica, lugar social, campo associado, posição sujeito, enfim, constituem práticas discursivas no exercício da função enunciativa. Tanto é que o discurso, nesse campo de análise, “é uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão” (Ibidem, p. 190-191), e “ao lado dos métodos de estruturação linguística [...], podia-se estabelecer uma descrição específica dos enunciados, de sua formação e das regularidades próprias do discurso” (Ibidem, p. 224).

A importância da linguística em seu modelo estruturalista para a edificação de outros campos disciplinares, e outras reflexões acadêmicas, entre elas a proposta de análise de discursos, já havia sido atestada por Michel Foucault em uma conferência proferida na Universidade da Tunísia, em março de 1968. Intitulada “Linguística e ciências sociais”, e posteriormente publicada (FOUCAULT, 2000b), essa conferência

expõe o reconhecimento de que a linguística estrutural tinha atingido alto nível de cientificidade e servido de modelo para outras ciências sociais e humanas. Ela “acaba de dar às ciências sociais possibilidades epistemológicas diferentes das que ela lhes oferecia até então” (FOUCAULT, 2000b, p. 162). Concernente à análise do discurso, Foucault considera que a linguística “permitiu analisar não somente a linguagem, mas os discursos, isto é, ela permitiu estudar o que se pode fazer com a linguagem” (Ibidem, p. 166). Não se trata de a linguística estruturalista ter abordado o discurso como objeto, mas, por sua estrutura epistemológica própria, e constituindo a língua como o que serve de material, “fazer aparecer as condições de mudança graças às quais se podem analisar fenômenos históricos, enfim, realizar ao menos a análise do que se poderia chamar de produções discursivas” (Ibidem, p. 167), conforme Foucault demonstrou, no ano seguinte (1969), e perscrutamos, n’*A Arqueologia do saber*.

3 Os sistemas e as regularidades: a língua e o discurso

Os diálogos de M. Foucault com os pensadores que lhe antecederam levam-no mais a manter em suspenso as sínteses acabadas do que filiar-se a elas. Isso se dá também em relação ao pensamento saussuriano. Vimos que em *A Arqueologia do saber*, Foucault problematiza, sobre o domínio dos enunciados efetivos, a diferença entre a descrição da língua e a descrição dos acontecimentos discursivos. A análise linguística se estabelece em função de um quadro de diferenças (sistema), avaliando “segundo que regras um enunciado foi construído, e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos” (FOUCAULT, 2008, p. 31). Na análise do campo discursivo, por sua vez, considera-se “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados” (Ibidem, p. 31) com os quais se liga ou exclui. Propõe, portanto, não uma análise da língua, mas um projeto de descrição dos acontecimentos discursivos para buscar as unidades, objetivando responder como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar.

Com isso já podemos compreender que a natureza da noção de enunciado é distinta para uma teoria de descrição da língua que busca pautar-se no sistema e para uma

teoria de descrição dos acontecimentos discursivos que busca estabelecer as regularidades em um sistema de dispersão. Por isso, voltamos a este ponto: a emergência do enunciado “é sempre um acontecimento que nem a língua, nem o sentido podem esgotar inteiramente” (Ibidem, p. 32). O enunciado é singular, mas tem existência remanescente no campo de uma memória, na materialidade dos manuscritos; está aberto à repetição, à transformação, e está ligado a situações que provocam a sua emergência num quadro de enunciados que o precedem e o seguem.

Se para Saussure, o que se busca é descrever a estrutura interna do sistema, para Foucault, o objetivo é fazer aparecer os conflitos latentes, flagrar as formas de repartição, descrever a partir dos enunciados um sistema de dispersão.

Chamaremos de *regras de formação* as condições que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (Ibidem, p. 43-44).

Foucault assevera que os objetos que compõem as regras de formação não são redutíveis à língua ou ao ato de fala. São as práticas discursivas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Assim, esses objetos (ele exemplifica com o discurso da psicopatologia no século XIX) não preexistem ao discurso, eles são construídos pelos discursos. Nas práticas discursivas estão envolvidas, então, a modalidade enunciativa que compreende o emprego da língua e seu sistema, a formação dos objetos, a formação de conceitos que organizam um campo do discurso e a formação das escolhas temáticas e teóricas.

Para o filósofo, atrás da fachada visível do sistema, pode-se supor “a rica incerteza da desordem” (Ibidem, p. 84), onde “estão em jogo a língua e o pensamento, a experiência empírica e as categorias, o vivido e as necessidades ideais, a contingência dos acontecimentos e o jogo das coações formais” (Ibidem, p. 84). A língua para Foucault participa desse sistema maior que não se confunde com a existência dos signos.

4 Conclusão

Propusemos este artigo com a finalidade de averiguar se (e de que maneira) a concepção de língua perpassa os estudos de Michel Foucault, especificamente nos textos publicados no final dos anos 1960, com ênfase para *A Arqueologia do saber*. Nosso objetivo primordial foi o de explicar as implicações desse conceito no pensamento de Foucault na elaboração de aparatos teóricos e metodológicos que dão sustentação às suas proposições sobre o discurso. Em nossa exposição, certificamos nossa hipótese de que o diálogo com o estruturalismo – que apresenta a língua como sistema, conforme propôs Ferdinand de Saussure – atuou como fundamento para a concepção dos conceitos de discurso, práticas discursivas, enunciado, acontecimento discursivo, que constituem objetos da Arqueologia foucaultiana.

Das aproximações e afastamentos de Foucault com Saussure, ele elabora uma metodologia de análise de discurso, em batimento com um aparato conceitual, procurando estabelecer distanciamento do estruturalismo, do método estrutural. Para tal, não opera pelo binarismo, que coloca dois elementos em relação como condição para a construção/compreensão/definição/existência de um objeto. Em sua proposta, Foucault volta-se para um sistema de dispersão, joga com elementos por vezes interligados, por vezes interdependentes, marcados por descontinuidade; recusa e nega o estruturalismo e, conseqüentemente, o rótulo de estruturalista. A propósito, não há uma classificação precisa e única para o pensamento de M. Foucault. Por vezes, há uma aproximação maior com a filosofia, outras vezes com a história, etc. Da mesma forma, a tentativa de definir seu método de análise (o que, aliás, pode ser considerado plural: métodos) sempre incorre em imprecisões.

Das aproximações, ainda que Foucault não apresente uma conceituação específica e explícita de língua, ele a perscruta enquanto conceito e objeto, conforme proposta por Saussure, e elenca predicativos da língua que servem para a proposição de conceitos e objetos próprios ao campo da análise do discurso; campo atualmente denominado Estudos discursivos foucaultianos. Dessa feita, considera a língua como condição de possibilidade material para os enunciados, como um suporte de enunciados; ou seja, uma materialidade inscrita no espaço e no tempo; afinal, “o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data” (FOUCAULT, 2008, p.114).

Em Saussure, a língua é produto social e a linguagem é multiforme e heteróclita; em Foucault, a língua é condição material para a produção do discurso, e o discurso é produzido sob determinações históricas e sociais, marcado por dispersão e descontinuidade, é heterogêneo. Para Saussure, o signo deve ser estudado socialmente, pois tem um significado socialmente elaborado; em Foucault, o enunciado se define pelo exercício de uma função enunciativa sob determinações históricas e sociais, e somente a materialidade linguística é passível de repetição, o enunciado não se repete; até mesmo porque, o discurso é concebido como uma prática discursiva e não como um elemento encerrado em si. Em nosso percurso de leitura, concordamos que o rótulo de estruturalista não se aplica a Foucault propriamente, mas o estruturalismo serve-lhe para a construção de um pensamento acadêmico no qual vislumbramos outros métodos de análise.

Contribuição

Claudemar Alves Fernandes: Conceptualização, Investigação, Metodologia, Escrita – Rascunho original, Escrita – análise e edição; **Vanice Sargentini:** Conceptualização, Investigação, Metodologia, Escrita – Rascunho original, Escrita – análise e edição.

Referências

FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-estruturalismo. *In:* MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault** Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Ditos & Escritos. v. II), 2000a. p. 307-334.

FOUCAULT, Michel. Linguística e ciências sociais. *In:* MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault** Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Ditos & Escritos. v. II), 2000b. p. 160-181.

FOUCAULT, Michel. **The Order of Things: an archaeology of the human sciences.** London: Routledge, 2001.

FOUCAULT, Michel. **The Archaeology of Knowledge.** 2. ed. London; New York: Routledge, 2002.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. *In:* MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault** Repensar a Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Ditos & Escritos. v. VI) p. 1-24.

PUECH, Christian. A emergência da noção de “discurso” na França: Foucault e Pêcheux leitores de Saussure. *In*: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Org.) **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: Claraluz: EDUFSCar, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Course in General Linguistics**. New York: Columbia University Press, 2011. Tradução de: Wade Baskin.

SILVEIRA, Eliane; SÁ, Israel de; FERNANDES, Cleudemar Alves. Problemas da autoria em Ferdinand de Saussure: do percurso intelectual à constituição da obra. **Leitura**, v. 1, nº 62, 2019. p. 235-254.

Recebido em: 22 de março de 2022

Aceito em: 23 de maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

Cleudemar Alves Fernandes
E-mail: cleudemar@ufu.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2644-4705>

Vanice Sargentini
E-mail: sargentini@uol.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7760-3075>